

Novo partido

Agora resta esperar para saber quais alianças o PSD, de Gilberto Kassab, irá fazer e quais serão as suas diretrizes; em Mogi, a legenda é capitaneada pelo deputado Junji Abe

Eaos 45 minutos do segundo tempo, depois de denúncias de irregularidades em assinaturas supostamente falsas, da pressão dos democratas, enfim, o PSD (Partido Social Democrático), de Gilberto Kassab, poderá disputar as eleições municipais de 2012 em todo País. O parecer favorável do pedido de registro nacional da legenda foi dado na noite de terça-feira por 6 votos a 1 dos ministros do Tribunal Superior Eleitoral. É o 28º partido existente no Brasil.

Em Mogi e região a legenda segue fortalecida, capitaneada pelo deputado federal Junji Abe, agora ex-PSDB, e seu fiel escudeiro Nobuo Aoki Xiol, que já estão com as fichas de filiação de integrantes preenchidas e documentadas, prontas para darem entrada no cartório eleitoral e seguirem com força total na disputa por algumas vagas na Câmara de Mogi e em outras cidades do Alto Tietê.

O Executivo ainda é uma incógnita para a nova legenda na cidade: Junji garante ser parceiro do prefeito Marco Bertaiolli e disse que jamais faria esse embate com ele. Por outro lado, a candidatura de Bertaiolli ao segundo mandato já é tida como certa nos bastidores políticos, mas também existem fortes rumores de que o prefeito mogiano deixe o DEM para se filiar ao partido de Kassab, de seu amigo e aliado político. Com a oficialização, nos próximos dias, essas definições deverão ficar mais claras por aqui.

Mas o que de fato o PSD tem de diferente dos outros partidos? Nada, ou melhor, quase nada. Teria uma ideologia marcante? Não. Muito diferente do PT, no início dos anos 1980, que levantou a bandeira da luta dos trabalhadores, ou do Psol, que briga por uma modificação profunda na sociedade por meio de uma maneira peculiar de governar e distribuir renda. Esse novo partido nada mais é do que mais uma reunião de dissidentes do Democratas (DEM), formado por desertores do PSDB, originado também do PMDB, que veio na abertura política. O PSD é de centro-direita, ou seja, conservador, mas nem tanto, mas que também já andou flertando com o governo Dilma Rousseff.

Na verdade, essas novas facções vão surgindo a medida em que os seus integrantes sentem necessidade de mais espaço dentro do grupo, geralmente comandado pelos mesmos companheiros, que lançam sempre os mesmos candidatos. E mais, são

grandes legendas e lançam muitos candidatos na disputa eleitoral que, muitas vezes, apesar de expressiva votação, não conseguem se eleger porque não atingem o quociente eleitoral. Então, num partido novo e até menor, as chances de se eleger ficam maiores.

De qualquer maneira, vale a pena esperar mais um pouco para conferir todos os detalhes do novo partido, saber a que ele veio e quais serão os seus planos e alianças. Seria até redundante o PSD se aliar com o PSDB e DEM. Mas como em política tudo é possível, e embora os personagens sejam sempre os mesmos, nesse vaivém partidário, o que o brasileiro quer, de fato, é a moralização política, a ética, o respeito ao ser humano e ao meio ambiente, a proteção à vida, o direito à saúde e à educação e, principalmente, hoje em dia, dar um basta nos crimes de colarinho branco e na roubalheira do dinheiro público, nas obras superfaturadas e nos esquemas de corrupção tão presentes em todas as esferas do serviço público.

Um novo partido nesse cenário político caótico que vivenciamos, com certeza dá um alento de que alguma coisa ainda pode mudar para fazer o cidadão acreditar novamente na política. E o surgimento do PSD vem carregado dessa responsabilidade: mudar tudo para melhor por meio de seus representantes, sem utopia barata e com os pés no chão. E se esse não for o propósito principal, não valerá a pena o PSD existir. Ser apenas mais um, igual a todos os outros, não fará nenhum sentido.